

Expansão & interiorização

A sonhada e reivindicada interiorização da UFSC ganha concretude com a instalação dos campi de Joinville, Curitibanos e Araranguá, cujas primeiras turmas iniciaram as aulas no dia 3 de agosto **p. 8**

Foto: Paulo Noronha



Impresso

99129-5/2002-DR/SC
UFSC

CORREIOS



Jornal Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Agosto de 2009 - Nº 403

Uma universidade com identidade

A Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), considerada estratégica no programa de interiorização do ensino público superior no País, começará a funcionar em 2010 com 2.160 alunos, que serão selecionados pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e pela política de ações afirmativas. Reflexo do debate

desenvolvido no seio dos movimentos sociais e comprometida com a identidade das populações locais, as vocações regionais foram definidoras na escolha dos cursos em cada um dos campi em Santa Catarina (Chapecó), Paraná (Realeza e Laranjeiras do Sul) e Rio Grande do Sul (Erechim e Cerro Largo) **p. 6 e 7**

Foto: Divulgação



No meio do nada: esta área será ocupada pelo campus de Chapecó, sede da Universidade Federal da Fronteira Sul

Amazônia: aquecimento monitorado por torre

Uma torre da altura da Eiffel (300 metros) fará uma espécie de monitoramento planetário da Amazônia. O projeto foi detalhado durante a 61ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da

Ciência (SBPC), em Manaus. De olho no aquecimento global, Brasil e Alemanha investirão, inicialmente, R\$ 24 milhões. A torre fará a escuta da conversa entre a biosfera e a atmosfera **p. 4**

Conquista

Lattes não
pode parar
p. 3

Artes

Vinte anos
de galeria
p. 12

Pioneirismo

Índios
astrônomos
p. 10

Urbanismo

O negócio na
exclusão
p. 5

Instituto

Convergência
digital
p. 9

Do Editor

Banho de ciência

"Não vai demorar que passemos adiante uma grande e bela ciência, que faz arte em defesa da vida" – Carlos Chagas (1879-1934)

As questões políticas paroquiais, eventuais falhas na organização e os ataques de estrelismo de uns poucos não ofuscaram o brilho, a riqueza e os resultados da 61ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em julho, pela primeira vez, na Amazônia. "Encontro" de águas na popularização da ciência, da tecnologia e da inovação, o evento quebrou paradigmas e incorporou o povo à agenda da pesquisa ao juntar milhares de pessoas na Praça do Teatro Amazonas, em Manaus, para ouvir discursos "chatos" e curtir belas apresentações culturais. Escancarada assim, a SBPC chamou a atenção da população, que, em grande número, foi visitar e conhecer, durante a semana, o que a comunidade científica oferecia no campus da centenária Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

As exposições, as palestras, as conferências, as mesas-redondas, as oficinas, os cursos, os debates, os protestos e as polêmicas inseriram a atividade científica no cotidiano da cidade. Espelho de transparência, a reunião da SBPC proporcionou ao público alguns resultados concretos dos investimentos que a sociedade faz nas instituições públicas.

O público vibrou com o que viu. O povo adora ciência. A reunião de Manaus, ao popularizar o conhecimento, legitimou o jornalismo científico, lançando novas luzes e novos desafios para a socialização da ciência desenvolvida no País.

A Agência de Comunicação da UFSC (Agecom), reconhecida com o Prêmio José Reis de Jornalismo Científico, reforçou a equipe de comunicação da SBPC. O secretário de Ciência e Tecnologia do Amazonas, José Aldemir de Oliveira, foi feliz ao sublinhar que a divulgação dos resultados das pesquisas ao grande público traduz-se "num compromisso ético e social dos pesquisadores e das instituições".

A Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (Sepex), da UFSC, concatenada com a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, do MCT, marcada para outubro, certamente encantaria os manauaras! Ela dá um brilho especial à exposição nacional oferecida por Brasília!

Lamenta-se que a reunião da nata da ciência não tenha conseguido tempo para prestar atenção na ameaça que paira sobre o espetáculo do Encontro das Águas (águas escuras do Rio Negro com as barrentas do Solimões). Nas Sete Quedas foi Itaipu. Lá o símbolo da Amazônia pode desaparecer com a construção do Porto das Lajes.

É a natureza do homem: acabar com a natureza e matar o homem, as plantas e os bichos!



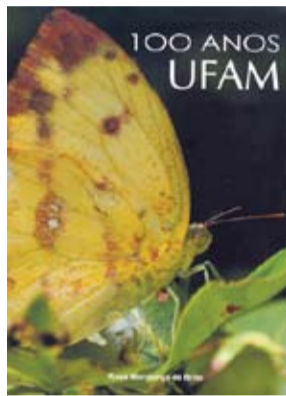
Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Moacir Loth

Confusão salutar. Ainda muita gente escreve errado o nome das Pró-Reitorias na Gestão Prata-Paraná. A PRCE, por exemplo, não existe mais. Apagar marcas não é tarefa fácil. Hoje temos a Secretaria de Cultura e Arte (SecArte) e a Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão (PRPE). Mas, como o discurso é transdisciplinar, não se sabe onde começa uma e termina outra...

Na floresta. Durante a SBPC, em Manaus, o professor Miguel Guerra (CCA/UFSC) trocou o campus da UFAM pela floresta, atrás de palmeiras.



Há controvérsias...

O poeta Thiago de Mello, autor de *Estatuto do Homem*, prestigiou o lançamento do livro *UFAM – 100 anos*, de Rosa Mendonça de Brito. A obra é polêmica, pois Rio e Paraná reivindicam a proeza da primazia.

Última palavra. Na mesa sobre transgênicos e biodiversidade, quem roubou a cena em Manaus foi o pesquisador da UFSC Rubens Nodari, hoje uma autoridade no assunto.

Inovação social. A inovação científica e tecnológica colocada a serviço da transformação social moldaram a contribuição do professor César Zucco na SBPC. O ex-pró-reitor de Pesquisa da UFSC representou a Fapesc.

JU na selva. O *Jornal Universitário (JU)* que destaca a participação da juventude científica da UFSC (SBPC Jovem) foi distribuído para jornalistas, assessores, pesquisadores, ministros e demais autoridades presentes na SBPC. A edição destacando a evolução da pós-graduação também teve boa acolhida no evento.

Um belo emprego. Tataraneto de Charles Darwin, Randal Keynes foi uma atração à parte na reunião da SBPC. "Estou feliz por estar aqui na Amazônia e, apesar do meu tataravô não ter explorado a floresta tropical, eu sei que se ele tivesse vindo até aqui teria ficado encantado com a diversidade biológica". Como se não bastasse, Randal também é parente do Keynes, o economista nobel.

Sugestão oportuna. Sim, seria justo a Unidade de Conservação Ambiental Desterro receber o nome da sua idealizadora: Maike Hering de Queiroz. A pesquisadora e professora da UFSC faleceu em 2006. Ocupando 1,1% do território da Ilha, a UCAD preserva fauna, flora e é um alento para a Mata Atlântica. Serve de campo de pesquisa para o Horto Botânico.

Nome aos bois. Carlos Minc, do Meio Ambiente, tinha os culpados na ponta da língua: "Isso aconteceu por causa das monoculturas, das queimadas e da expansão da agropecuária".

Caminhos da inovação. Revista *Empreendedor* e a Federação das Indústrias (Fiesc) saíram com o segundo número do *Guia da Indústria*. Em Português, Inglês e Espanhol, a publicação apresenta uma radiografia do setor produtivo catarinense e lança perspectivas de cada segmento. A UFSC, produtora de conhecimento essencial às empresas, está incluída nessa parceria, que, certamente, ganhará novos contornos com a recente regulamentação da Lei Catarinense de Inovação.

Um cachorro bom. As passeatas no campus ficarão mais pobres sem a liderança do Catatau. Morto nas férias gélidas, ninguém sabe ao certo se foi assassinato, acidente ou causa natural. A única certeza é que não foi suicídio, porque Catatau (Che) gostava muito do que fazia e vivia cercado de amigos e cachorros. "Cachorrar o cachorro" não é o bicho! Malvado não é quem chuta cachorro morto; cruel é quem chuta indefeso, gente ou animal. Catatau era um cachorro bom. Não era filiado à CUT, nem ao Comlutas. Verdade, andava meio macabúzio com o Governo, o Congresso, o Judiciário, o Diretório, os sindicatos e a Reitoria. Sim, a luta está de luto, com a consciência pesada. A diferença é que do Catatau já falavam bem antes dele morrer. Das pessoas geralmente só falam bem depois do coração parar...

Sacada "cãosequente". Estudante Maria Salete Freitas sugere, no *DC*, transformar o Catatau em "símbolo da luta pelo respeito à Lei dos Direitos dos Animais".

Perdidos na floresta. Pena que a sinalização na SBPC tenha sido tão confusa. Eram perdidos perguntando para perdidos. A UFAM jogou fora uma boa oportunidade para projetar legal a instituição no seu centenário.



"É a maior área verde urbana de Manaus. Antigamente, a gente dava aula vendo macacos, tucanos, cotias. Mas as pessoas entravam no campus para caçar e hoje não tem mais quase nada dessa biodiversidade", lamentou a historiadora Rosa Mendonça de Brito. "Mas por volta das seis da tarde ainda dá pra ouvir o canto dos pássaros".

Frase

Iremos chegar ao fim do Governo, em 2010, deixando para o sucessor, qualquer que seja, uma proposta da sociedade, com base nas discussões do Plano que está em desenvolvimento (*Ministro Sérgio Rezende, do MCT, na Reunião Anual da SBPC, em Manaus, referindo-se ao PAC da Ciência e à Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia, marcada para Brasília em maio de 2010*)

Memória

Jones João Bastos, conhecido também como Verdugo, é uma espécie de arquivo vivo da UFSC. Integrante da velha guarda da Agecom, chefe da Seção de Fotografia, após inúmeras ameaças, acabou aposentado por tempo de serviço.

A equipe, surpreendida, acabou dando um bolo para o velho companheiro. Novas homenagens virão. Mas o que ficará mesmo é a obra, fruto de uma vida dedicada à instituição e à arte.



Foto: Paulo Noronha/Agcom



Expediente

Elaborado pela Agecom - Agência de Comunicação da UFSC

Campus Universitário - Trindade - Caixa Postal 476
CEP 88040-970, Florianópolis - SC
www.agecom.ufsc.br, agecom@edugraf.ufsc.br
Fones: (48) 3721-9233 e 3721-9323. Fax: 3721-9684

Diretor e Editor Responsável:

Moacir Loth - SC 00397 JP

Coord. de Divulgação e Marketing/ Redação:

Artemio R. de Souza (Jornalista)

Alita Diana (Jornalista)

Arley Reis (Jornalista)

Celita Campos (Jornalista)

Erich Casagrande (Bolsista)

Fernanda Burigo (Bolsista)

José A. de Souza (Jornalista)

Mara Paiva (Jornalista)

Margareth Rossi (Jornalista)

Maria Luiza de Oliveira Gil (Bolsista)

Natália Izidoro (Bolsista)

Paulo Clóvis Schmitz (Jornalista)

Paulo Fernando Liedtke

Tiago de Carvalho Pereira (Bolsista)

Tifany Ródio (Bolsista)

Fotografia:

Carolina Dantas (Bolsista)

Lucas Sampaio (Bolsista)

Paulo Noronha

Arquivo Fotográfico

Ledair Petry

Tania Regina de Souza

Editoração e Projeto Gráfico:

Jorge Luiz Wagner Behr

Cláudia Schaub Reis (Jornalista)

Divisão de Gestão e Expediente:

João Pedro Tavares Filho (Coord.)

Beatriz S. Prado (Expediente)

Rogéria D'El Rei S. S. Martins

Romilda de Assis (Apoio)

Impressão: Jojafé Comunicação e Marketing Ltda



Literatura Catarinense será obrigatória

A decisão da Comissão de Implantação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) de tornar obrigatória a disciplina de Literatura Catarinense para os estudantes do curso de Letras da nova instituição merece ser comemorada. Ela representa uma sinalização inequívoca da nova instituição sobre a importância da valorização da nossa arte e de nossos artistas, de nossa poesia e de nossos poetas, de nossa literatura e de nossos escritores.

É claro que nos cursos de letras sempre houve e há espaço para a literatura brasileira originária de todos os estados, mas a preocupação natural em garantir o conhecimento de textos canônicos, raramente permite que haja tempo suficiente para que se conheça, de forma sistemática, o que existe de produção literária no nosso entorno, excetuadas, é claro, as obras de um ou outro autor que, por razões muito especiais, tenha conseguido projeção nas grandes metrópoles brasileiras.

Diante disso, o que se constata é que, mesmo entre estudantes de letras, pouco se conhece sobre o que está sendo produzido no nosso estado. É lamentável constatar que é possível graduar-se em um curso de letras em Santa Catarina sem ao menos conhecer os principais autores e obras literárias produzidas no estado. Ao tornar obrigatória esta disciplina no seu curso de letras, a UFFS não apenas assume um compromisso de mudar esta realidade, mas dá um passo importante rumo à consolidação de uma identidade literária catarinense.

O que a UFFS está propondo, portanto, é inovador no sentido de que reafirma a compreensão compartilhada por muitos estudiosos das letras brasileiras, qual seja a de que, em um mundo em que a força cultural das metrópoles nos dobra de forma implacável à sua vontade, aos seus valores e à sua agenda, somos sempre levados a estudar primeiro autores de renome, em geral de longe, de outros continentes, muitos deles com a sua qualidade literária já perdida em traduções mal feitas, e, por isso mesmo, sobra cada vez menos tempo e energia para ler e estudar aqueles que, pela sua proximidade cultural, traduzem na sua literatura as experiências que falam diretamente ao nosso dia a dia. É importante que todos nós aproveitemos bem esta oportunidade que a Universidade Federal da Fronteira Sul abre à literatura de nosso estado. Mas, há que se ir além: embora a obrigatoriedade curricular seja importante para que estudantes de letras não deixem escapar a oportunidade de conhecer os escritores e a literatura produzida à sua volta, cabe a toda a sociedade catarinense, em especial aos governos, à mídia e aos agitadores culturais, assegurar que também outras formas de valorização sejam constantemente ensaiadas. Só assim colocaremos a nossa literatura em patamares ainda mais elevados.

Dilvo Ristoff
Pres. da Comissão de Implantação da UFFS

Em defesa da Plataforma Lattes

A Academia Brasileira de Ciências (ABC) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) vêm manifestar, publicamente, que fatos isolados não podem comprometer a credibilidade dessa importante conquista que é a Plataforma Lattes.

Trata-se de uma útil ferramenta de interação e uniformização de informações colocada a serviço da sociedade, da comunidade científica e também da imprensa. Nenhum outro país possui um banco de dados semelhante tão representativo. Ao abrigar mais de 1,5 milhão de currículos, a Plataforma tem despertado o interesse de vários países no sentido de adotá-la como modelo.

O Brasil, portanto, não pode retroceder. Ao contrário, deve corrigir eventuais falhas e aperfeiçoar seu uso e acesso. Problemas pontuais apresentam-se como uma oportunidade para fortalecer a Plataforma e torná-la ainda mais confiável. A defesa e a valorização da Plataforma Lattes passam pela adoção de novos mecanismos de controle, sem quaisquer riscos de burocratização ou censura.

Assim, a ABC e a SBPC unem-se em torno da defesa da Plataforma Lattes e conclamam a sociedade e suas instituições a abraçar a causa, consolidando, cada vez mais, esse importante instrumento para a afirmação da comunidade científica brasileira.

Jacob Palis, presidente da ABC
Marco Antonio Raupp, presidente da SBPC

A Curva do Arroz, o filme

Não foi uma novela como divulgaram os jornalões que gastaram centenas de laudas com a polêmica. O local para a instalação do Campus do Norte é um longa-metragem. A cizânia irrompeu com a disputa entre Jaraguá e Joinville. Definida a cidade, em agosto de 2007 pelo então reitor Lucio José Botelho, o imbróglio voltou-se contra a área prevista para a sede do Campus, situada na Curva do Arroz (acesso sul às margens da BR-101). O terreno passou por questionamentos do Ministério Público sobre preço, segurança, inundações, gastos futuros, o diabo. A Justiça deu ganho de causa à UFSC.

De qualquer forma, uma nova área foi ofertada (um terreno da Fundação Tupy na divisa de Joinville com Araquari). Felizmente, no dia 30 de julho, o governador Luiz Henrique, o prefeito Carlito Meres e o reitor Alvaro Prata bateram o martelo com a água já molhando as nádegas: o Campus será na Curva do Arroz e ponto final. Com o curso de Engenharia da Mobilidade confirmado, apesar das afoitas ingerências do Ministério Público, as aulas da primeira turma começaram em instalações improvisadas da Univille e as licitações de obras prometem o funcionamento da UFSC na Curva do Arroz já para o início de 2011.

O desafio é imenso. Mas o final do filme deve ser feliz, inclusive com a possível inclusão de uma área nobre de 100 mil metros quadrados pertencente ao Posto Sinuelo.

Moacir Loth
Jornalista na Agecom

Foto: James Tavares



Reitor, prefeito e governador batem o martelo em Joinville

O Che da UFSC

A primeira vez que o vi, passava na frente do Centro de Cultura e Eventos da UFSC. Ele estava no topo das escadas, e seu olhar me fazia entender quem mandava ali. Acho que pelo meu ângulo de visão - eu embaixo, ele em cima - o apelido surgiu fácil: o chamamos de Reitor.

Logo depois fiquei sabendo que o nome que me veio à cabeça não havia sido dado à-toa, apesar de ele ser conhecido por diversas outras alcunhas. Era um líder nato: onde houvesse movimento, reivindicações ou festas, ali estaria, à frente das massas, mostrando o caminho. Com todo o carisma e a vocação política, foi lançado como candidato para ocupar o cargo máximo na reitoria. Blogs, panfletos, cartazes e camisetas lhe igualaram ao Che. Numa das manifestações, onde estudantes adentraram ao gabinete do reitor, em 2007, ele não se fez de rogado: sentou-se na cadeira magnífica.

O sofá e o tapete do gabinete, naquele dia, também serviram para aconchegar seu pequeno corpo rebelde. E em outra época, já acostumado a chamar a atenção, desfilou sobre a mesa do Auditório da Reitoria, contravenção devidamente registrada por uma emissora de TV. Com ou sem a burocracia eleitoral, já se sentia eleito, pois o que importava mesmo ele possuía: a espontânea aprovação popular.

Simples, como todos os seus semelhantes, almoçava no Restaurante Universitário, contentando-se com as sobras que lhe traziam os alunos. O campus era o seu quintal, onde passou 12 dos seus 12 anos, desde quando seu destino, imposto pelos homens, determinou que ali fosse abandonado à própria sorte. Mantinha, talvez por ter sido relegado, aquele olhar falso de indiferente superioridade. Falso, porque mostrava que ainda acreditava no ser humano quando alegremente se unia à bagunça cotidiana dos estudantes. Acho que seguia a filosofia de seu xará: "Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás".

No frio mês de julho ele se foi, mais ou menos como o Che original, sem se despedir de ninguém. Foi enterrado em seu quintal querido, porque acredita-se que, apesar de algumas faltas e outra meia dúzia de necessidades, era o lugar que mais amava no mundo. Não era só um simples cachorro, ainda que cachorros simples e todos os outros animais também devessem merecer o direito à dignidade.

Che Catatau agora irá acompanhar as próximas manifestações lá de cima. Quem tiver ouvidos livres do especismo poderá escutar seus latidos a guiar os estudantes.

Cláudia Schaun Reis
Jornalista na Agecom



Catatau aproveitando a grama e o sol do campus



Empunhando manifesto durante a Sepex de 2005



Já famoso, motivo de pop arte estilo Warhol

Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores

Torre escuta conversa entre biosfera e atmosfera

A estrutura, que terá a altura da Eiffel e vai contar com recursos em torno dos R\$24 milhões provindos de convênio entre Brasil e Alemanha, fará monitoramento em escala planetária

Moacir Loth
Jornalista na Agecom

Com recursos assegurados da ordem de R\$ 24 milhões, Brasil e Alemanha estão realizando um sonho acalentado pela comunidade científica desde a década de 1980: a implantação do projeto Observatório Amazônico de Torre Alta (ATTO, na sigla em inglês de Amazon Tall Tower Observatory), que resultará na construção de uma estrutura de 300 metros de altura, no meio da floresta.

Reforçando a atual rede de 15 unidades de até 50 metros, a nova torre a ser edificada – com a mesma altura da Torre Eiffel, em Paris – multiplicará as condições de monitoramento das mudanças climáticas na região, informou Antonio Ocimar Manzi, pesquisador do Instituto Nacional de

Pesquisas do Amazonas (Inpa) e gerente do projeto pelo lado brasileiro. Manzi contou detalhes do projeto ATTO em uma conferência na 61ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Manaus (AM).

Fruto de um convênio entre o Ministério de Educação e Pesquisa da Alemanha e o Ministério da Ciência e Tecnologia brasileiro, o Observatório fará a “escuta” da “conversa” da biosfera com a atmosfera. A torre de 300 metros, rodeada por outras quatro torres meteorológicas de cerca de 50m, será instalada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Uatumã, em Presidente Figueiredo, município a cerca de 200 quilômetros de Manaus. Só existe uma experiência similar, na Sibéria. Manzi estima que o sítio experimental do projeto terá vida útil de 20 a 30 anos.

Contando com parcerias de universida-

des e institutos da Alemanha, Brasil, Finlândia, EUA e Holanda, o Observatório terá em sua mira o efeito estufa, a documentação e quantificação das mudanças biogeoquímicas, os desmatamentos, as queimadas, as chuvas e a substituição das florestas por outras vegetações e por projetos agropecuários. Em resumo, os cientistas querem ver até onde a floresta amazônica se relaciona com o fenômeno do aquecimento global. A iniciativa é denominada pelos pesquisadores como “Experimento de Grande Escala da Biosfera-Atmosfera na Amazônia”.

Os investimentos e custos de construção e operacionalização do projeto, explica o pesquisador do Inpa, serão compartilhados meio a meio por Brasil e Alemanha. Os R\$ 12 milhões da parte brasileira sairão dos fundos setoriais transversais administrados pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep).

Além da análise de solo e ambiente lo-

cais visando à construção da torre, a equipe está detalhando as linhas de pesquisa e o modelo operacional. Com cronograma já aprovado e recursos garantidos, Ocimar Manzi espera que as torres fiquem prontas dentro de dois anos. Um dos desafios, assinalou, passa pela disponibilidade de energia elétrica.

Ainda de acordo com o gerente local, as chuvas e o estoque de carbono receberão atenção especial do Observatório. “A importância pode ser medida pelo fato de aqui, na Amazônia, chover o dobro do que a média mundial”, sublinhou Manzi. Destacou, igualmente, a imensa reserva de carbono. “São 100 bilhões de toneladas na biomassa e outras tantas no solo, ou seja, vinte vezes mais do que o estoque mundial”. A questão energética apresenta-se como uma preocupação estratégica dos parceiros envolvidos.

Decisões estratégicas

Contando na abertura, na Praça do Teatro Amazonas, com a presença de mais de 12 mil pessoas e uma participação diária de 10 mil visitantes durante as 160 atividades no campus da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a 61ª Reunião Anual da SBPC foi marcada pelo anúncio de medidas importantes por parte do Governo.

Só o presidente da Capes, Jorge Guimarães, confirmou três ações: 1) Bolsa para todos, destinado às regiões Norte e Centro-Oeste, beneficiando os mestrandos e doutorandos sem vínculo empregatício; o programa começa a valer em agosto e pretende acelerar e fixar a formação de doutores na Amazônia.

2) Voltado à graduação, o Programa de Educação Científica será realizado nas férias, assegurando bolsas para intercâmbio em centros de pesquisa avançados no País.

3) Professores aposentados, com doutorado e vasta experiência científica, serão recontratados para atuar, ao lado dos concursados, na consolidação das novas universidades e novos campi. Terão o papel de criar a base científica no processo de interiorização.

Potência ambiental?

Qual é o caminho que pode levar o Brasil à situação inédita de constituir-se na primeira e, talvez por muito tempo, também única potência ambiental do planeta? Na opinião do presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Marco Antônio Raupp, e da própria comunidade científica, a resposta está na Amazônia e no modelo de desenvolvimento para a região, que terá de ser construído com base no conhecimento científico e tecnológico, de preferência aquele conhecimento produzido regionalmente.

As palavras de Raupp ecoaram durante o discurso

de abertura da 61ª Reunião Anual da SBPC. “Temos claro que na Amazônia estão desafios importantíssimos para o futuro e a modernização da sociedade brasileira, o que exigirá uma visão de desenvolvimento nova, em que a ciência será um elemento crucial para assegurar a sustentabilidade em seu sentido amplo”.

Raupp enfatizou o momento especial para a ciência brasileira. “Espero que seja também um marco dos mais significativos na trajetória dos povos da Amazônia na busca de suas afirmações culturais e de suas conquistas econômicas e também na construção da cidadania”.

Ações contra a burocracia e a favor da biodiversidade

Na coletiva realizada durante a 61ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Manaus, o ministro da Ciência e Tecnologia, Sérgio Rezende, distribuiu aos jornalistas uma revista contendo o documento *Ciência, Tecnologia e Inovação para a Amazônia*, produzido e publicado pelo MCT, que mostra como o governo, o setor produtivo e a comunidade científica podem “atribuir valor à biodiversidade” e, dessa forma, frear as atividades econômicas predatórias que colocam em risco os recursos naturais.

Rezende ressaltou os investimentos feitos nos Estados do Norte (em 2000 eram mil doutores na Amazônia; em 2008 passaram para 4.700 na região) e disse que o desenvolvimento sustentável depende da fixação de mestres e doutores na Amazônia. “Devemos criar as condições e ambiente científico para isso”.

Em relação ao Programa de Infra-Estrutura, o ministro falou dos dois editais lançados para a expansão das instituições federais de ensino superior. São R\$ 360 milhões para a sede e R\$ 60 milhões

para as extensões (novos Campi, interiorização). A UFSC, por exemplo, recebeu R\$ 10,3 milhões para acelerar a implantação de três novos Campi (Joinville, Curitiba e Araranguá).

Sérgio Rezende enfatizou que o Governo Federal prometeu ações concretas para reduzir drasticamente os entraves burocráticos. Vai atacar, atendendo a preocupações manifestadas pela SBPC, três questões: compras, importações e acesso à biodiversidade. Acrescentou que, dentro dos próximos meses, deverá ser resolvido o problema criado com a proibição, pelo Tribunal de Contas da União, do repasse de recursos para as fundações de apoio à pesquisa. “Está sendo elaborado uma proposta alterando a regulamentação das fundações, que não poderão funcionar como entidades privadas. Elas continuarão funcionando, mas com maiores restrições”, salientou Rezende.



Foto: exci.hu/ Vladimir Fofanov

Foto: Moacir Loth

É só tratar aqui

Estudo mostra como funciona o mercado imobiliário em áreas de pobreza da região metropolitana da Capital de SC

Também entre os pobres há um intenso mercado de compra, venda e aluguel de imóveis na Grande Florianópolis. Com o levantamento de mais de 30 mil dados só em respostas diretas de moradores, em seis comunidades carentes, um grupo de professores e estudantes do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC traçou o perfil do mercado informal de terras na região conurbada da Capital.

O relatório final da pesquisa tem mais de 100 páginas e já foi enviado para a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia que por meio do Programa de Tecnologia de Habitação (Habitaré) financia o estudo. O levantamento faz parte de uma extensa pesquisa (Infosolo - Mercados informais de solo urbano nas cidades brasileiras e acesso dos pobres ao solo), desenvolvida por diferentes universidades em oito capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife, Salvador, Brasília, Belém e Florianópolis). De forma padronizada, os grupos descreveram em suas regiões os mecanismos de comercialização e de locação dos imóveis em assentamentos carentes e de informalidade, mostraram os preços médios praticados por metro quadrado, as características dos indivíduos que participam desse mercado e vivem nas áreas carentes, as características construtivas das moradias, os fatores de atração e repulsão na escolha do local de moradia, entre diversos outros aspectos.

Resultados em Florianópolis - Em Florianópolis foram estudadas as comunidades da Serrinha, Morro da Queimada, Sol Nascente e Tapera da Base. Em Palhoça o assentamento escolhido foi Frei Damião e, em São José, Solemar. O estudo de campo foi realizado em 2005. Com a colaboração de dez estudantes de graduação em Arquitetura e Urbanismo e a autorização de líderes comunitários, questionários foram aplicados junto aos moradores para levantamento de uma série de dados. O estudo mostra que, nesse período, 10% dos imóveis das áreas de informalidade selecionadas estavam envolvidos em negociações de compra, venda ou aluguel. De acordo com a equipe, uma característica de Florianópolis é o alto índice de imóveis alugados. No universo das seis comunidades estudadas, cinco apresentaram maior número de aluguéis do que compra e venda. "Estes índices majoritários na transação de aluguel mostram a carência por imóveis e evidenciam com mais certeza a demanda local", avalia a equipe no

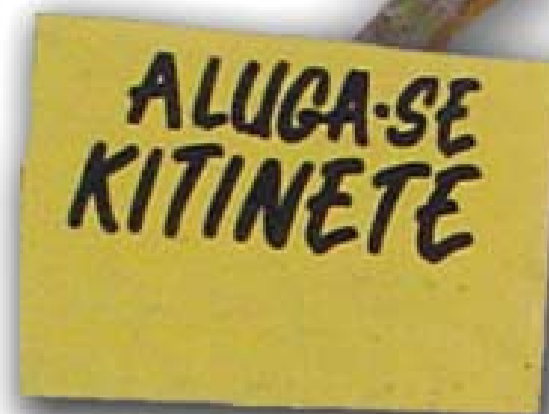
relatório enviado à Finep.

O estudo mostra também que mesmo em moradias com condições precárias, os moradores comprometem, em média, mais de 24% de sua renda com o aluguel (que chega a uma média de R\$ 200,00). Em termos de preço de venda, a pesquisa mostra que o preço mínimo de um imóvel nestas áreas é de R\$ 4.700, mas pode chegar a até R\$ 30 mil.

Com relação à forma de negociação, a grande maioria das transações é realizada sem a intermediação de imobiliárias e também não conta com documentação. No caso de venda, 68,09% ocorreram por contato verbal e somente 31,91% das pessoas assinaram contrato. Das transações em aluguel, 97,92% não alugam por imobiliária, destacando-se Solemar, que teve 12,5% de suas transações de aluguel intermediadas por imobiliária. Entre os que alugaram diretamente com o proprietário, 68,9% fizeram de forma verbal e 31,91% pessoas assinaram contrato.

Origem dos moradores - O estudo mostrou que cerca de 75,8% dos moradores que efetuaram transação imobiliária nas áreas de informalidade pesquisadas não eram originários da área conurbada de Florianópolis. Vieram, em sua imensa maioria, de municípios do interior de Santa Catarina - grande parte vem também do Paraná e do Rio Grande do

Sul. Com relação às justificativas para a escolha de imóveis nas favelas e comunidades pesquisadas, cerca de 30% dos entrevistados citou a proximidade do local de trabalho e, em torno de 20%, o fato de haver a proximidade de parentes. "Isto demonstra que a rede de proteção familiar e de vizinhança se constitui num fator preponderante na escolha da localização da comunidade a ser habitada, numa situação onde o Estado está quase sempre ausente



na oferta de serviços urbanos, de creches, saúde pública e todo apoio básico vinculado à sobrevivência das famílias", avalia a equipe.

A pesquisa mostra também um expressivo aumento de assentamentos precários nas últimas décadas nos municípios vizinhos de Florianópolis. Antes de selecionar as seis comunidades que seriam detalhadamente caracterizadas, o grupo mapeou 171 áreas de pobreza na região conurbada.

De acordo com os pesquisadores, ao mesmo tempo que permite aos mais pobres a "solução" de seu problema habitacional e desonera o Estado, o mercado informal de terras determina amplas penalidades aos seus moradores. "...os submete ao mesmo processo de exploração do mercado formal, mas em condições inadequadas e precárias, sem infraestrutura, pagando valores próximos aos do mercado formal dos bairros vizinhos, e mantendo, ao mesmo tempo, essas famílias em permanente condição de precariedade, de carência e sem a segurança jurídica do mercado formal; ou seja, reproduzindo as suas condições de pobreza e de exclusão", avalia a equipe.

O núcleo central do grupo em Florianópolis é formado pela professora Maria Inês Sugai (Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, coordenadora da pesquisa) e pelo professor Lino Fernando Bragança Peres (professor e pesquisador ARQ-UFSC), além das mestrandas Daniella Reche e Fernanda Maria Lonardoní.



No foco do Infosolo



As áreas estudadas pelo projeto Infosolo estão situadas em Florianópolis, nos bairros Serrinha (1), Morro da Queimada, Sol Nascente, Tapera da Ilha e Morro da Penitenciária (2). Em Palhoça foi analisado o bairro Frei Damião e em São José, o Solemar (3)



Fotos: Infosolo Florianópolis

Universidade Federal da Fronteira Sul fortalece identidades regionais

Eleita universidade estratégica, a UFFS direciona seus cursos para a vocação regional

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

O processo seletivo dos 2.160 estudantes que vão entrar na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), em março de 2010, será realizado em duas partes: pelo resultado da prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e pelo conjunto das ações afirmativas, contemplando alunos de escolas públicas e que moram nas regiões de abrangência da instituição. Ou seja, o critério por mérito será integralmente definido pelo Enem, havendo uma bonificação para estudantes originários de estabelecimentos públicos e para os que residem no entorno das áreas onde os campi serão instalados – Chapecó (a sede da instituição, em Santa Catarina), Realeza, Laranjeiras do Sul (ambos no Paraná), Erechim e Cerro Largo (no Rio Grande do Sul). A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é a tutora da nova instituição e tem um de seus docentes mais destacados, o professor Dilvo Ristoff, na presidência da comissão de implantação.

Uma preocupação da comissão é com a criação de cursos voltados para as vocações regionais, concentradas na produção agroindustrial e agropecuária e na geração de energia. Por isso, dentro dessas grandes áreas, haverá opções como Agronomia (com ênfase em agroecologia), Engenharia Ambiental e Energias Renováveis, Aqüicultura e Medicina Veterinária. “Durante os últimos anos discutimos bastante com o Ministério da Educação, as lideranças locais e os movimentos sociais para que fossem levadas em conta as necessidades regionais, que são bastante específicas”, diz Ristoff. Também a área das licenciaturas, visando à formação de professores, foi contemplada, atendendo

a outra demanda detectada nessas regiões. Enfermagem, Nutrição e Ciências da Computação fecham a lista de cursos oferecidos pela UFFS. Os investimentos previstos até a conclusão do processo, em 2012, chegam a R\$ 306 milhões.

Embora ricas na produção agroindustrial, as áreas cobertas pelos cinco pólos da nova universidade têm sérios problemas de distribuição de renda e sempre foram desassistidas no campo da educação – nunca houve ali uma universidade federal gratuita. “A política do governo Lula vem priorizando a expansão do ensino federal público, tanto que 100 novos campi em todo o país estão interiorizando o acesso e abrindo novas alternativas de formação em áreas hoje dominadas por instituições estaduais, comunitárias e privadas”, afirma Dilvo Ristoff. Outro fato a considerar é que o Plano Nacional de Educação quer elevar de 30% para 40%, até 2011, a participação das instituições públicas no total das matrículas no ensino superior no Brasil.

A UFFS é uma das quatro grandes universidades consideradas estratégicas nesse processo de expansão e interiorização do ensino federal público – as outras são a Universidade da Integração Latino-americana, a Universidade da Integração Luso-afro-brasileira e a Universidade da Integração Amazônica. Situada num ponto em que os três estados do sul fazem fronteira com a Argentina, a UFFS vai cobrir uma região que viu sua economia estagnar e que perdeu população em vista da litoralização acentuada, sobretudo em Santa Catarina. As propriedades minifundiárias foram sendo absorvidas por latifúndios, a massa salarial sustentada pelas agroindústrias não consegue expandir seu poder aquisitivo e muitas famílias se deslocaram para os estados do centro-oeste do país ou se tornaram

proprietárias de terras no Paraguai. “O PIB dessas regiões é 40% menor que o da média da região sul e muitos agricultores dependem hoje da venda do leite para sobreviver”, afirma o professor Dilvo.

Envolvimento local - A implantação dos cinco campi contará com o apoio das prefeituras dos municípios-sede, que assumiram a responsabilidade de doar os terrenos onde as futuras instalações físicas serão construídas. Um dos requisitos colocados pela comissão de implantação foi a disponibilização de uma área de 100 hectares onde ficarão os campi permanentes, já que por enquanto as aulas serão ministradas em espaços alugados. No caso de Laranjeiras do Sul, por exemplo, as atividades serão desenvolvidas num prédio novo cedido pela Universidade Estadual do Centro-oeste do Paraná (Unicentro). Ali, o terreno para o futuro campus foi comprado pelas prefeituras da cidade e dos municípios de Rio Bonito, Porto Barreiro e Nova Laranjeiras.

Já em Campo Largo, o período letivo de 2010 vai começar num seminário, que será comprado para sediar posteriormente a Casa do Estudante. Também em Erechim as aulas têm início num seminário que vem sendo reformado pela prefeitura e que será alugado pela UFFS. Em Realeza, as instalações serão cedidas pela prefeitura até a construção da sede própria da universidade. E, em Chapecó, a área definitiva – com 900 mil metros quadrados, mais 180 mil metros de florestas – ficará na saída para o município de Guatambu. Na cidade que vai sediar a universidade, as atividades do primeiro ano terão lugar num prédio de três andares na saída para a BR-282.

Como construir prédios é apenas um dos passos para a instalação e funcionamento da nova universidade, Dilvo Ristoff

está cuidando também da contratação de 150 professores e 120 técnicos, ainda em 2009, para tocar as atividades imediatamente. Dentro de quatro anos, a meta é contar com 500 professores e 400 funcionários, admitidos sempre por meio de concurso. Serão nomeadas equipes pro-tempore, com os diretores de cada campi, mais os coordenadores pedagógicos e administrativos. Haverá 20 pró-reitores e 30 diretores, responsáveis por suas respectivas unidades.

A participação dos movimentos sociais, fenômeno que se encaixa dentro da política do governo federal para a área da educação, e a formação cidadã, de forte conteúdo social, são destacadas pelo professor Dilvo Ristoff no processo de implantação da UFFS. “Os cursos e disciplinas estimularão os estudantes a conhecerem o entorno, a região onde vivem e a própria história da Fronteira Sul”, diz ele. Ele também ressalta a inclusão da literatura regional como disciplina obrigatória nos cursos de Letras, com cada campus destacando a produção dos autores de seu estado.

Apoio logístico - Tutora da nova universidade, a UFSC disponibilizou duas salas nas instalações do Instituto de Pesquisas e Estudos em Administração Universitária (Inpeau), localizado no Centro Sócio-econômico, mais uma secretária e pessoal administrativo, para dar apoio ao professor Dilvo Ristoff. Além dele, dentre os docentes da UFSC, fazem parte da comissão de implantação os professores Bernadete Limongi e Gelson Luiz Albuquerque, além do ex-reitor Antônio Diomário de Queiroz, atual presidente da Fapesc. Os professores Dilvo, Bernadete Limongi e Paulo Rodolfo Pinto da Luz compõem a equipe que presta dedicação exclusiva à instalação da universidade.

Os cursos

- Administração (com ênfase em pequenos empreendimentos e cooperativismo)
- Arquitetura e Urbanismo
- Aqüicultura
- Agronomia (ênfase em agroecologia)
- Ciências da Computação
- Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial
- Licenciatura em Educação do Campo
- Licenciatura em Pedagogia
- Licenciatura em Português e Espanhol
- Licenciatura em Humanidades (Filosofia, História, Geografia e Sociologia)
- Licenciatura em Ciências (Biologia, Física e Química)
- Nutrição
- Veterinária
- Enfermagem
- Engenharia Ambiental e Energias Renováveis
- Engenharia de Alimentos

Relação campi/vagas

Chapecó - 900
Erechim - 400
Cerro Largo - 330
Realeza - 270
Laranjeiras do Sul - 260

TOTAL - 2.160

Continua

Os terrenos e o implantador



"Os cursos e disciplinas estimularão os estudantes a conhecerem o entorno, a região onde vivem e a própria história da Fronteira Sul" (Dilvo Ristoff)

Fotos: Divulgação



Os terrenos onde serão construídos campi da UFFS: em Chapecó (1), Erechim (2), Laranjeiras do Sul (3) e Realeza (foto que ocupa ambas as páginas). Audiências em Laranjeiras (4) e Cerro Largo (5) lotaram auditórios



Histórico

2005 – Movimento Pró-Universidade Federal tem início nos três estados do Sul, coordenado pela Fetraf-Sul/CUT e pela Via Campequina, com apoio de várias entidades sociais e de classe, prefeitos e parlamentares, e ganha força a partir do compromisso do governo federal de criar uma universidade para atender à meso-região da Grande Fronteira do Mercosul e seu entorno.

13 de junho de 2006 – O ministro da Educação, Fernando Haddad, aprova a ideia de uma universidade federal para o Sul do Brasil (abrangendo o norte do Rio Grande do Sul, o oeste de Santa Catarina e o sudoeste do Paraná) e assume o compromisso de fazer um estudo para projetar a nova universidade.

15 de junho de 2007 – O ministro propõe a criação de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Ifet). Diante da argumentação do movimento, que continuou defendendo a necessidade de uma universidade, ficou acordada a formação de uma Comissão de Elaboração do Projeto, formada por pessoas indicadas pelo movimento e por técnicos do Ministério da Educação.

2 de outubro de 2007 – O ministro da Educação confirma o compromisso do governo de criar a universidade.

23 de outubro de 2007 – É realizada a primeira reunião dos membros da Comissão de Projeto.

16 de julho de 2008 – Presidente Lula envia a PL da UFFS ao Congresso.

12 de novembro de 2008 – PL 3774/08 (que cria a UFFS) é aprovado pela Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público.

Fevereiro de 2009 – É instalada a comissão de implantação da UFFS, composta por 11 membros.

Março de 2009 – Presidente da comissão visita as cinco cidades que abrigarão os campi, acompanhado do reitor e vice-reitor da UFSC.

Março de 2009 – Comissão da implantação define cursos que serão oferecidos em 2010.

Abril de 2009 – Trabalho das comissões para definição de programas/ementas/bibliografias das disciplinas do Tronco Comum.

Maio de 2009 – Definição dos projetos pedagógicos dos cursos e definição dos Domínios Conexos.

Junho 2009 – Conclusão do Projeto Pedagógico Institucional.

Março a junho de 2009 – Definição dos espaços físicos provisórios e das áreas permanentes para os cinco campi.

Julho de 2009 – CI decide usar o Enem no processo seletivo, acompanhado de bônus para estudantes de escolas públicas.

Mais informações com o professor Dilvo Ristoff, pelo fone (48) 3721-6646.

UFSC abraça calouros na Ilha e no interior

Calouros foram recepcionados na Capital e nos três novos campi em Joinville, Curitiba e Araranguá

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Reitor, vice-reitor e pró-reitores, junto com autoridades municipais e estaduais, realizaram um verdadeiro périplo pelo Estado para prestigiar as solenidades de recepção aos calouros que entraram na UFSC no segundo semestre de 2009 nos campi de Florianópolis, Joinville, Curitiba e Araranguá. Nos três últimos foram oficializados também os diretores Acires Dias, Darci Odílio Paul Trebien e Sérgio Peters, respectivamente. As aulas começaram no dia 3 de agosto.

Na Capital, o Vestibular Complementar selecionou 246 novos acadêmicos, mas também serão recebidos os alunos aprovados no vestibular do ano passado que passaram para o segundo semestre de 2009. Nos outros três campi, foram abertas 480 vagas nas áreas de Engenharia Veicular e de Transporte, Ciências Rurais e Tecnologias da Informação e da Comunicação, atendendo as vocações e necessidades de cada região. No momento, a UFSC também participa como tutora na implantação da Universidade Federal da Fronteira Sul, que terá sede em Chapecó, no Oeste do Estado, e mais quatro campi nos estados do Rio Grande do Sul e do Paraná.

Criada em 18 de dezembro de 1960 pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira e caminhando, portanto, para as comemorações de seu cinquentenário, a universidade vem se consolidando como instituição de ponta, condição reconhecida dentro e fora do país. Tem mais de 36 mil alunos, incluindo a graduação, pós-graduação, educação a distância, ensinamentos básico, médio, técnico e fundamental, além da pré-escola. Somente em Florianópolis, conta com 1.610 docentes e 2.874 servidores técnico-administrativos.

Alimentando mente, corpo e espírito

A Universidade conta com uma Moradia Estudantil, oferece refeições no Restaurante Universitário, possui um serviço de atendimento psicológico e de orientação profissional à comunidade universitária e dispõe de uma ouvidoria que recebe sugestões, críticas e reclamações de alunos, professores, servidores e da comunidade externa.

Foto: Jones Bastos



Foto: Paulo Noronha



Moradia estudantil e prato servido no RU: serviços oferecidos pela PRAE

Saúde para a comunidade

Quem está entrando agora na UFSC vai saber que a instituição administra o Hospital Universitário, que realizou 283.417 procedimentos durante o ano passado, incluindo atendimentos de emergência e ambulatoriais, procedimentos cirúrgicos e internações clínicas. Já o sistema de bibliotecas reúne mais de 980 mil volumes, entre livros e periódicos impressos e eletrônicos.



Foto: Jones Bastos

HU realiza consultas, cirurgias e internações

Programas de inclusão – A partir de 2008, o vestibular da UFSC incorporou um programa de ações afirmativas, com cotas para estudantes afro-descendentes, indígenas ou jovens que tenham cursado integralmente o ensino fundamental e médio em instituições públicas de ensino. Paralelamente, a instituição desenvolve ações de acompanhamento e apoio à permanência de seus alunos, reduzindo a evasão e criando condições para que seu aprendizado se realize plenamente.

Na educação a distância, onde está presente desde os anos 90, a UFSC traz a marca do pioneirismo na implantação de novas tecnologias educacionais. Isso tem permitido que a instituição expanda suas fronteiras, passando a atuar em outras regiões do Estado e do País. Em seu campus, nasceu o primeiro curso de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Brasileira de Sinais, o Libras, na América Latina. Hoje, a Universidade forma docentes para atuar no ensino da língua de sinais em quase todos os estados brasileiros.

Universidade para principiantes

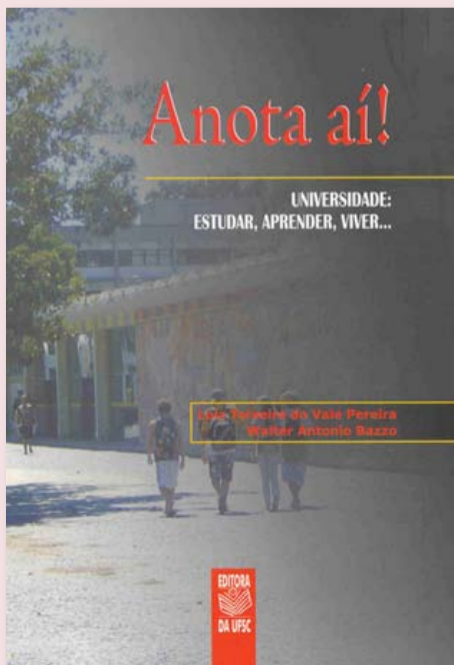
Anota aí!, dos professores Luiz Teixeira do Vale Pereira e Walter Antonio Bazzo, prega a participação ativa dos alunos no dia-a-dia da universidade

Está circulando o livro *Anota aí! – Universidade: estudar, aprender, viver...*, dos professores Luiz Teixeira do Vale Pereira e Walter Antonio Bazzo, apresentado no ato de inauguração da nova loja da Editora da UFSC, no Centro de Convivência da Universidade Federal de Santa Catarina. Segundo os autores, o objetivo da obra é "tentar alertar que um curso superior é muito mais do que obter um diploma". Eles procuram mostrar que cursar uma universidade vai além de cumprir currículos, assistir a aulas, realizar provas e agir passivamente, esperando pelo dia da formatura.

Voltado a todos os estudantes universitários, o livro pode ser especialmente útil para os calouros ou para quem pensa em fazer um curso superior. "Apresentamos questões para convidá-lo a refletir, sob pontos de vista um pouco diferentes dos usuais, sobre a sua vida como

estudante, como cidadão e como profissional, para entendê-la", dizem Teixeira e Bazzo na apresentação, dirigindo-se aos alunos.

Num trecho do livro, falando do prosaico ato de assistir a uma aula, os autores afirmam: "Uma aula não é uma experiência passiva, serena, um momento de meditação introspectiva, como se estivessemos numa sessão de yoga, ouvindo música



para relaxamento e entoando mantras sagrados, visando à paz interior. Para tirar proveito dela, temos sim de despendar esforço para acompanhar a argumentação. Numa aula temos de 'brigar' com os discursos, com as idéias, contra-argumentar, desconfiar, desempenhar o papel de combatentes agueridos num campo de batalha. E a batalha travada acontece contra um inimigo oculto e traiçoeiro: a ignorância".

Os autores – Luiz Teixeira do Vale Pereira é professor do

A UFSC também tem um programa com cerca de 2 mil estágios e bolsas, oferece cursos extracurriculares de línguas, realiza shows artísticos no Centro de Cultura e Eventos e promove a Copa UFSC, que busca incentivar a integração universitária por meio do esporte. O trote solidário é outra iniciativa de caráter integrador, assim como a doação de sangue, que ajuda o Hospital Universitário a realizar seus procedimentos cirúrgicos com mais segurança.

Pesquisa em destaque – Na graduação, diversos cursos são referências no Brasil, e na pós-graduação não é diferente. Em termos de pesquisa, a UFSC figura entre as universidades que mais produzem ciência e tecnologia, ocupando lugar de destaque no rol das instituições com maior número de citações internacionais. Num mesmo ambiente, há bibliotecas, centro de eventos com diversas salas e auditórios, museu, teatro, galeria de arte, editora, gráfica, livraria, fórum, planetário, templo ecumênico, horto botânico, hospital, restaurantes e quadras esportivas. Uma iniciativa recente foi a criação do Parque Viva Ciência, com equipamentos e brinquedos que demonstram conceitos científicos importantes estudados na própria Universidade.

O último Ranking Web of World Universities (Webometrics) classificou a UFSC como a sétima universidade na América Latina e a 304ª no mundo em conteúdo científico disponibilizado na web. No mapeamento das instituições brasileiras, a UFSC ficou em quinto lugar, atrás da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O levantamento foi feito com base na análise de mais de 16 mil instituições de ensino superior em todo o mundo.

Convergência Digital

UFSC aprova implantação do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Convergência Digital e adapta uso da TV digital, do telefone e da internet para melhoria dos serviços de saúde

Arley Reis

Jornalista na Agecom

Na TV digital, um programa de auditório com especialistas em saúde, discutindo temas do cotidiano, como o stress – e telespectadores participando de suas casas, pelo controle remoto. Na internet, exames disponibilizados em bancos de dados e sala de laudo virtual, para agilizar o atendimento ao paciente e evitar deslocamentos de cidades do interior para a capital.

Responsável pelo desenvolvimento e implementação de conteúdos e serviços como estes, a UFSC já deu suporte à implantação da Rede Catarinense de Telemedicina e desenvolveu projetos para o Sistema Brasileiro de Televisão Digital Interativa. Agora, com o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Convergência Digital (INCoD), vai ampliar e aprimorar os benefícios que as tecnologias de informação e comunicação podem proporcionar para a qualificação dos serviços de saúde.

Com a aprovação do instituto, proposto em parceria com pesquisadores de instituições de Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro, a equipe do projeto Cyclops, ligado ao Departamento de Informática e de Estatística da UFSC, receberá financiamento de cerca de R\$ 4 milhões para ampliar a pesquisa nesse campo.

A proposta prevê desenvolvimento de tecnologias, conteúdos e serviços, direcionados tanto ao cidadão quanto a profissionais da área de saúde. E para veiculação dos produtos em pelo menos três plataformas: internet, telefonia móvel de banda larga e televisão digital interativa.

Serviços para o médico e o cidadão

Para o profissional da saúde um dos focos será proporcionar a segunda opinião e a discussão de casos. Serviços do gênero já foram desenvolvidos pelo grupo Cyclops, como a Sala de Laudo Virtual, que funciona na internet, e o ambiente assíncrono de segunda opinião formativa e discussão de casos, criado para o Programa Telessaúde Brasil. Agora as funcionalidades desses serviços serão ampliadas e aprimoradas.

Para o cidadão serão desenvolvidos sistemas para marcação de consulta em posto de saúde ou unidade ambulatorial, além de mecanismos para consulta a prontuário e resultado de exames – e experimentações serão realizadas tanto via TV digital,

como telefonia móvel e internet.

“A partir desse conjunto de serviços o instituto permitirá a realização de testes para estudo e validação de linguagens e formatos de conteúdo, dos recursos de interatividade e segurança de dados em cada uma das plataformas tecnológicas e mídias”, explica o professor Aldo von Wangenhein, do Departamento de Informática e de Estatística da UFSC, coordenador do INCoD. Os estudos vão permitir também a elaboração de um conjunto de Cadernos de Recomendações que possa ser utilizado como material de referência para a futura disponibilização de serviços de atenção à saúde e outros de estrutura similar.

Foto: sxc.hu/ Wojciech Wolak



Conferência de resultados de exames e marcação de consultas poderão ser feitos pela internet



Desafio: garantir o diálogo com o telespectador através da TV digital

Qualidade e segurança

Ao mesmo tempo que proporcionam uma série de vantagens, sistemas de telemedicina trazem preocupações relacionadas à segurança, confiabilidade, privacidade, eficiência e eficácia da tecnologia. Levando em conta estas e outras preocupações, a equipe vai trabalhar também no sentido de proteger o público de tecnologias de telemedicina não testadas e inseguras.

Entre os objetivos está a concepção de um padrão de referência para o desenvolvimento e manutenção de software e ser-

viços em telemedicina. Os estudos e testes deverão também colaborar com a elaboração de normas e padrões para Informática em Saúde e Telemedicina no Brasil. Uma série de outras metas, experimentações e desafios envolvem a telefonia móvel.

“A TV digital interativa e a telefonia móvel de banda larga permitirão a implementação de um grande número de serviços inovadores na área da saúde, e que aumentarão o grau de inclusão social, democratização da informação e melhoria

Educação em saúde

o telespectador, para que os recursos de interatividade sejam explorados.

Uma das metas é o desenvolvimento de um conjunto de quatro treinamentos voltados a profissionais da Estratégia de Saúde da Família, especialmente agentes comunitários de saúde. Os programas serão veiculados na TV digital, através da TV Cultura de Santa Catarina, e via internet, a partir do Núcleo de Telessaúde de Santa Catarina, englobando a Rede Catarinense de Telemedicina.

A idéia é também trabalhar com um canal de TV na Internet e com a telefonia móvel de banda larga.

de serviços de saúde”, defende Aldo.

“No Brasil, em especial, em função de suas características geográficas e da penetração e disseminação que as mídias televisão e telefonia móvel possuem, a migração da oferta de serviços de saúde tanto ao profissional como ao cidadão da internet para essas mídias será de extrema importância tanto para a expansão e agilização da oferta de serviços como também para a gestão da saúde pública”, complementa o pesquisador.

Desafio: integração das mídias

O conceito de convergência digital é ainda bastante vago. Aplicado à tecnologia, o termo convergir significa agregar funções. A convergência digital pode então ser definida como a unificação de funções, que passam a utilizar uma única infraestrutura para prover serviços que requeriam equipamentos, canais de comunicação, protocolos e padrões independentes. A partir de cenários e possibilidades de aproveitamento desse potencial, a equipe do INCoD traça metas para seus trabalhos.

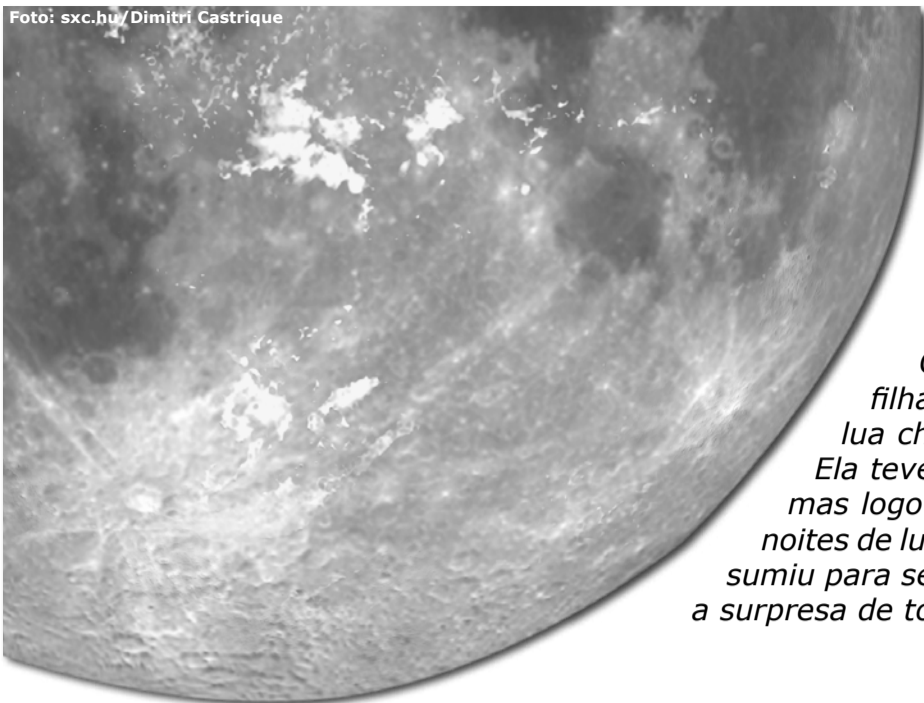
Um cenário que pode ser imaginado é uma criança picada por uma aranha e familiares com inúmeras dúvidas. Em Santa Catarina e alguns outros estados há bancos de imagens de animais peçonhentos, como é o caso do Centro de Informações Tecnológicas de Santa Catarina (www.cit.sc.gov.br). Além de acessar esse banco de dados, se a família da vítima possui um celular que tira fotos, pode obter imagens do animal e do aspecto da lesão, e enviar ao CIT/SC.

Para aprimorar e ampliar esse tipo de serviço, a equipe do INCoD, em parceria com o CIT, trabalha com o objetivo de desenvolver uma plataforma tecnológica que agregue em uma base de dados toxicológicos a coleta, o armazenamento, o tratamento, a atualização, o gerenciamento das informações estatísticas e sua recuperação. A meta é proporcionar o acesso aos dados de qualquer lugar e através de qualquer dispositivo ou meio de comunicação, por meio de uma interface única, ou funcionalmente equivalente.



Centro de Informações Toxicológicas de Santa Catarina será um dos setores beneficiados com o desenvolvimento de tecnologias e linguagens para integração de diferentes mídias

Foto: Jones Bastos/ Agecom



A lua e a pororoca

Muito antes da Teoria de Galileu, que desconsiderou a influência da lua nas marés, os indígenas do Brasil já sabiam que o astro é o seu principal causador

Contam os índios tembé da Amazônia que a indiazinha mais linda, filha do cacique Pirajuara, conheceu o boto cor-de-rosa em uma noite de lua cheia quando adormeceu observando o pôr-do-sol à margem do rio. Ela teve medo ao ver o rapaz saindo das águas com seu chapéu de palha, mas logo se enamorou dele. Os dois começaram a se encontrar sempre em noites de lua cheia, até que em uma madrugada, depois de engravidá-la, o rapaz sumiu para sempre nas águas do rio, voltando a ser boto. Nove luas depois, para a surpresa de todos, Flor da Noite, em vez de um filho, deu à luz três botos.

Raquel Wandelli

Doutoranda na UFSC - Especial para o JU

Difícil quem não tenha ouvido falar da lenda do boto rosa, largamente difundida pela antropologia e representada pela literatura, cinema e outras artes. O que a grande maioria desconhece é que os mitos indígenas, como os documentos e achados arqueológicos, revelam saberes valiosos de astronomia e cosmologia. O pesquisador do CNPq, Germano Bruno Afonso, doutor em Astronomia e conferencista do encerramento do 61ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (17/06), advoga o reconhecimento científico da Astronomia Indígena, que na sua visão ajudaria a compreender a história da ciência e a melhorar as condições da agricultura e da saúde, ajudando a esclarecer muitos fenômenos ainda não explicados. Trata-se de um saber empírico que ancestralmente já revelava, por exemplo, a influência das luas sobre o movimento das marés, ignorada por Galileu Galilei no século XVI e só reconhecida no século XVII por Isaac Newton, apesar de todas as evidências de observação.

Para Germano Afonso, membro e estúdio da cultura Guarani e integrante de aldeia do Paraná, mais do que uma representação estética e um modo particular de narrar o mundo, o mito mostra como os índios compreendem tudo que ocorre na terra em relação com o céu. Assim, a lenda da pororoca, entre muitas outras, assinala que em 1632, quando Galileu publicou suas teorias sobre o heliocentrismo e sobre as marés, seus dois maiores erros já poderiam ter sido dirimidos se houvesse um contato e uma troca entre a cultura ocidental e a cosmologia indígena.

Mas ainda hoje, mesmo depois da publicação da teoria de Isaac Newton, em 1687, demonstrando que a causa das marés é a atração gravitacional do sol e, principalmente, da lua sobre a superfície da terra, os conhecimentos dos índios do Brasil sobre os céus e sua relação com as pessoas e práticas antrópicas e fenômenos naturais da terra são desprezados pela ciência e pelas escolas. Ao contrário de outros países, que valorizam e estudam o legado dos incas, maias e navajos, no Brasil inexistem estudos sobre a etnoastronomia de seus índios. "Não afirmo

que a astronomia indígena seja melhor ou pior do que a ocidental, mas acredito que os tupi-guaranis poderiam contribuir com seu conhecimento empírico sobre a influência da lua em todas as atividades humanas, no comportamento dos animais e até das pessoas", reivindica o professor, que é graduado na área de engenharia.

Em virtude da longa prática de observação da lua, os índios brasileiros conheciam e utilizavam suas fases nos rituais, na caça, na pesca, no plantio e no corte de madeira. Eles consideravam que a melhor época para essas atividades era a da lua nova, pois na fase de lua cheia os animais se tornam mais agitados devido ao aumento de luminosidade. Nas peregrinações pelas aldeias, Afonso descobriu porque os índios esperam a mudança de lua para construir uma casa: "Segundo me explicou o cacique, os fungos da madeira ficam mais agitados em época de lua cheia e a estrutura apodrece mais rápido". Os índios sabem que a incidência de percevejo do arroz e da soja é mais abundante na lua cheia e em algumas noites que a precedem e quase nula na lua nova. Da mesma forma, a captura do mosquito transmissor da dengue (*Aedes aegypti*) é cinco vezes maior em noites de lua cheia do que em noites de lua nova. "Essas informações ajudariam a ciência a eliminar os focos", sugere.

Setenta e três anos antes de Isaac Newton, o missionário capuchinho francês Claude D'Abbeville já havia publicado que os índios tupinambá, do tronco dos tupi-guarani, com quem conviveu por quatro meses no Maranhão, atribuem à lua o fluxo e o refluxo do mar e distinguem muito bem as duas marés cheias que se verificam na lua cheia e na lua nova ou poucos dias depois. "Também observam o movimento do nascer e do pôr-do-sol e o seu deslocamento na linha do horizonte, que efetua entre os dois trópicos, limites que jamais ultrapassam. Eles sabiam que quando o sol vinha do lado norte trazia-lhes ventos brisas e que, ao contrário, quando vinha do lado sul, trazia-lhes chuvas. Eles contavam perfeitamente os anos em doze meses e isso pelo conhecimento do deslocamento do sol de um trópicos a outro e vice-versa. Conheciam igualmente os meses pela época das chuvas e pela época dos ventos ou ainda pelo tempo dos cajus".

Tudo o que está na terra reflete o céu



Foto: Raquel Wandelli

Germano: 20 anos de pesquisa de campo em aldeias das etnias tupi-guarani e caingangue

Ao se doutorar em Astronomia na França na década de 70, o pesquisador Germano Afonso descobriu o livro de D'Abbeville, considerado hoje uma das mais importantes fontes da etnografia do tronco tupi. As conclusões do professor indígena se baseiam em 20 anos de pesquisa de campo em aldeias das etnias tupi-guarani e caingangue, sobretudo no sul do país, mas também no Maranhão e Mato Grosso do Sul. Documentos históricos sobre a importância da astronomia no cotidiano das famílias indígenas, achados arqueológicos, tais como arte rupestre e monumentos rochosos, observações do céu com pajés e professores de educação indígena de todas as regiões brasileiras fazem parte da sua metodologia.

Como fruto de seu trabalho, promoveu, no dia 19 de junho, com apoio da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e recursos do Ministério da Ciência e Tecnologia, a inauguração do primeiro Observatório Solar Indígena instalado em uma escola indígena, a Tengatuí

Marangatu, da Aldeia Jaguapiru. Parte do projeto "Etnoastronomia dos Índios Guarani da Região da Grande Dourados", agora financiado por edital do CNPq/MCT, o observatório permite que o professor visitante da UEM ensine ciências dentro da escola de um modo vivenciado. Além de resgatar parte do conhecimento astronômico desses povos, Afonso busca recuperar tecnologias e instrumentos indígenas diversos, como o calendário lunissolar e o gnômon (sombra de sol) uma haste vertical rochosa cuja sombra aponta para os quatro pontos cardeais e as estações do ano, encontrada primeiramente às margens do Iguazu, no Paraná, onde foi construída a usina hidrelétrica, mas depois em vários outros pontos do Brasil.

No paradigma desses povos, tudo o que está na terra reflete o céu. Assim, o Caminho de Compostela é a Via Láctea, o campo de estrelas. "Quem caminha por Compostela ignorando isso perde o seu significado mais místico", ironiza o pesquisador índio, para quem caminhar pela terra é espiar os céus.



Foto: Moacir Loth

Ombudsman

A chama e a prata

A edição Nº 409 do *Jornal Universitário* está bem temperada, lembrando a infeliz figura de linguagem utilizada pelo ministro Gilmar Mendes, ao comparar o ofício de jornalista com o de cozinheiro – para mim são profissões honradas, mas distintas. Tive prazer especial ao ler a coluna do professor Dilvo Ristoff, sobre o processo de implantação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), bem como sua pertinência e herança com a UFSC. A federalização de universidades é um desejo acalentado pelos blumenauenses e também por mim, catarinense por decisão. A leitura do logotipo da UFFS, do vínculo entre as chamadas, por si só explica o papel do fogo como transformador da condição humana, seja aquecendo, apaixonando ou mostrando os caminhos.

C'est L'argent - Pelo viés de cidadão, que não nasci aqui mas vim para ficar, observei que o *Jornal* apresenta, entre os diversos textos, dois enfoques principais: a) as parcerias com instituições públicas e privadas, para produção de novas tecnologias e captação de recursos e, paralelamente, 2) atividades artísticas e culturais, muito importantes para a construção de uma subjetividade comprometida com nossa memória, possibilitando sonhar o futuro. Isto, é claro, sem esquecer os textos sobre produção científica, de professores e jovens pesquisadores. Como disse o professor Ristoff, as chamadas da arte, ciência e justiça, garantido o ensino, a pesquisa e a extensão.



O *Jornal* noticia até a presença do governador Luiz Henrique da Silveira, em solenidade, assinando a Lei Catarinense da Inovação. Todavia, quem mais aparece – ou o que mais aparece, é a prata, seja no texto sobre nanopartículas de prata, ou o reitor Álvaro Prata, na coluna do Editor e no corpo do jornal. **C'est L'argent**.

A dor que não sai nos jornais - Considero importante o *Jornal* dar voz à opção da luta contra a violência, em um texto de fôlego, embora ouvida apenas uma fonte. De forma semelhante, apresentar o texto, não assinado, de um militante dos alcoólicos anônimos, como forma de prestar um serviço. Assim, o *Jornal Universitário* ratifica sua proposta de ser plural, laico e antenado - meus alunos diriam: "ligado", com as possibilidades de reflexão sobre os tempos e desafios que vivemos. Uma boa leitura.

Aristheu Formiga é jornalista e professor na Universidade Regional de Blumenau (Furb)

Primeira Universidade Brasileira completa 100 anos

Mara Paiva
Jornalista na Agecom

A Universidade Federal do Amazonas completa seu centenário em 2010. A trajetória e as realizações da UFAM estão registradas em livro de Rosa Mendonça de Brito.

Certificada pelo Guinness Book como a primeira universidade brasileira, a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) completa em março de 2010 cem anos de existência. A data histórica para o País vai ser alvo de extensa programação, onde se inclui o lançamento do livro *100 Anos UFAM*, de Rosa Mendonça de Brito.

Publicado pela Editora da UFAM, a obra apresenta um relato em ordem cronológica da instalação do ensino superior em Manaus. O desenvolvimento das artes e esse pioneirismo na instalação do ensino superior são reflexos do ciclo econômico da borra-

cha, vivenciado na região a partir de 1890. Um elo que permeia a história da UFAM com a do Estado do Amazonas, e garante a primeira parte do livro sobrevoar sobre o relato desse período da formação do Estado Brasileiro.

Mas, em cem anos de atividades a UFAM se expandiu, atualmente dispõem de treze centros de ensino, cinco unidades acadêmicas do interior, além de outras instâncias como Museu, Hospital, TV, Reitoria, Editora, Biblioteca. É esse quadro atual que a autora apresenta na segunda parte do livro, onde recompõe a história e as pessoas presentes na construção de cada um dos setores.

Rosa Mendonça de Brito contou com a colaboração de Alair dos Santos Silva de Miranda na pesquisa e levantamento histórico. O trabalho minucioso da pesquisa contou com igual dedicação do editor Renan Freitas Pinto, que garantiu uma excelente apresentação gráfica ao livro.

UFSC reforça Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

Com maior número de estandes, Sepex vai privilegiar qualidade no atendimento do público

Arley Reis
Jornalista na Agecom

Um dos principais eventos de divulgação da UFSC, a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (Sepex), será novamente realizada no mês de outubro, durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. O encontro da UFSC acontecerá no período de 21 a 24 de outubro, mobilizando a comunidade universitária para receber a população no campus da Trindade, em Florianópolis.

A Sepex ganhou esse ano o tema 'Ciência para todos'. Entre as novidades está a ampliação do número de estandes para 200, praticamente o dobro dos anos anteriores. É nestes espaços que estudantes, professores e servidores técnico-administrativos recebem o público, apresentando os trabalhos da instituição nas áreas de comunicação, cultura, educação, meio ambiente, saúde e tecnologia. As inscrições de estandes, direcionadas à comunidade universitária, estão abertas até 4 de setembro, no site www.sepex.ufsc.br.

Como este ano não haverá mostra de painéis na Sepex, os trabalhos deverão ser apresentados dentro dos estandes, que terão um coordenador e no máximo cinco atividades cadastradas, na forma de pôsteres simples ou estendidos, vídeo,

relatos, maquetes, oficinas, etc, e todos farão parte dos anais do encontro. O objetivo das mudanças é privilegiar a interatividade com o público e estimular a melhoria da qualidade dos estandes.

Estão também abertas inscrições para ofertas de minicursos e apresentações culturais durante a Sepex. Como já é tradicional, o grande "circo" da Sepex será montado na Praça da Cidadania, em frente à Reitoria.

Eventos conjuntos - A UFSC realiza no mesmo período da Sepex seu Seminário de Iniciação Científica (SIC). Além de avaliar estudantes que contam com bolsas de iniciação científica, em um formato proposto pelo CNPq (mostra de painéis e apresentações orais), o seminário é aberto à apresentação de trabalhos científicos de estudantes de graduação voluntários, tanto da UFSC como de outras instituições. As inscrições estão abertas e devem ser feitas no site www.dep.ufsc.br/sic09/, até 19 de agosto.

A realização de uma feira de inventores, do Ilha de Oportunidades (evento em que empresas apresentam aos estudantes oportunidades de estágios e de colocação no mercado de trabalho) e de palestras relacionadas ao Ano Darwin, ao Ano Internacional da Astronomia e ao envelhecimento saudável (já que outubro é o Mês do Idoso) são outras novidades que estão sendo organizadas para enriquecer a Sepex.



Foto: Léo Nogueira

JU dos leitores

Para a equipe da AGECOM, em especial o Jornalista Paulo Clóvis Schmitz, um sensibilizado agradecimento pela matéria referente aos 30 anos do 'TEATRINHO'. Um texto como uma pequena *delicatessen*, destas que tatuam a obstinação e a crença de que valeu e vale esta caminhada, e aquele palco franciscanamente mágico.

Carmen Fossari
Diretora de teatro do Departamento Artístico Cultural da UFSC



Um acervo que humaniza o campus



Uma exposição de obras do acervo, que pode ser visitada até 21 de agosto, marca os 20 anos da Galeria de Arte da UFSC. A mostra "Traços da Memória, Esboços da História" reúne 35 obras em pintura, desenho, gravura, tapeçaria e escultura feitas por artistas locais e de outros estados, indo de óleos de Domingos Fossari, um privilegiado testemunha da Florianópolis da primeira metade do século XX, a uma cerâmica em técnica de faiança de Rosana Bortolin, artista contemporânea com várias premiações e participações em salões no exterior. O acervo contém ainda obras de Burle Marx, Elias Andrade, Albertina Prates, Guido Heuer, Rubens Oestrom, André de Miranda, Liliansa Lobo Ferreira, Cremilda Santini e Rosana Gariglio de Andrade.

Do artista e médico Moacir Amaral, cuja exposição inaugurou a galeria, em agosto de 1989, é apresentado um trabalho em crayon sobre papel que foi premiado no Salão Universitário de Artes Plásticas de 1981. Na época, ele cursava Medicina na UFSC – profissão que exerce hoje em São Paulo, onde também se dedica ao trabalho de artista. Localizado, depois de tanto tempo, pelos organizadores da retrospectiva, ele ficou satisfeito em lembrar que decorreram duas décadas de sua exposição que abriu as portas da Galeria de Arte da UFSC e por saber que faz parte desta mostra comemorativa.

O espaço cultural, localizado do Centro de Convivência, tem o nome de Aníbal Nunes Pires em homenagem ao professor e escritor catarinense que foi o principal mentor do Grupo Sul, o mais expressivo movimento literário-cultural já criado no Estado. Filho do homenageado, o cineasta Zeca Pires, diretor do Departamento Artístico-cultural da UFSC, destaca o caráter democrático do trabalho da galeria, que "há 20 anos procura atender artistas das mais variadas tendências".

Nesse período, além de exposições, a galeria tem ministrado cursos e workshops e ampliado o acervo de obras de arte que ajudam a humanizar o campus da UFSC. Também são consideradas parte do acervo obras dispostas pelo campus, como um mural cerâmico do artista americano Gene Anderson, uma escultura de Elke Hering, a pintura mural de Martinho de Haro no hall da Reitoria e um mural pintado do Hassis Corrêa na Igrejinha. A obra mais portentosa, contudo, é o belo mosaico de Rodrigo de Haro que toma toda a frente e um dos lados externos da Reitoria, que conta a história das Américas e que no momento passa por um minucioso processo de restauração.